

Artigos Originais

Corpos dóceis e disciplinados: a Educação Física como instrumento para 2ª Guerra Mundial (1941-1947)

Docile and disciplined bodies: Physical Education as an instrument for World War II (1941-1947)

Cuerpos dóciles y disciplinados: La Educación Física como instrumento para la Segunda Guerra Mundial (1941-1947)



Roberta de Souza Gomes

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: robertaufjr92@gmail.com



Leonardo Carmo Santos

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: lleonardosanttos@gmail.com



Silvio de Cassio Costa Telles

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: telles.ntg@terra.com.br

Resumo: Com a declaração de guerra do Brasil à Alemanha e à Itália em 1942, a Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx) assumiu um papel central na preparação dos militares para a Segunda Guerra Mundial. A formação física e moral dos soldados tornou-se uma prioridade, com a prática de exercícios físicos sendo utilizada como ferramenta para fortalecer os corpos e moldar os comportamentos. O presente estudo busca investigar de que forma a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial impactou o campo da Educação Física, especificamente na Revista de Educação Física

(REF), durante o período de 1941 a 1947. A pesquisa se fundamenta nos conceitos da obra “Vigiar e Punir” de Michel Foucault, e utiliza como fonte principal a REF. A análise do periódico revela que a EsEFEx, além de preparar os militares para o combate, atuou como um agente de controle e disciplina, buscando “forjar corpos dóceis e disciplinados”, capazes de suportar as dificuldades da guerra e contribuir para a reconstrução do país no pós-guerra.

Palavras-chave: Educação Física. História. Periódico. Segunda Guerra Mundial.

Abstract: With Brazil's declaration of war on Germany and Italy in 1942, the Army Physical Education School (EsEFEx) assumed a central role in preparing soldiers for World War II. The physical and moral training of soldiers became a priority, with physical exercise being used as a tool to strengthen bodies and shape behavior. This study seeks to investigate how Brazil's entry into World War II impacted the field of Physical Education, specifically the Journal of Physical Education (REF), during the period from 1941 to 1947. The research is based on the concepts of Michel Foucault's work “Discipline and Punish” and uses REF as its main source. Analysis of the journal reveals that EsEFEx, in addition to preparing soldiers for combat, acted as an agent of control and discipline, seeking to “forge docile and disciplined bodies” capable of withstanding the hardships of war and contributing to the country's post-war reconstruction.

Keywords: Physical Education. History. Periodical. Second World War.

Resumen: Con la declaración de guerra de Brasil a Alemania e Italia en 1942, la Escuela de Educación Física del Ejército (EsEFEx) asumió un papel central en la preparación de los militares para la Segunda Guerra Mundial. El entrenamiento físico y moral de los soldados pasó a ser una prioridad, utilizándose el ejercicio físico como herramienta para fortalecer el cuerpo y moldear el

comportamiento. Este estudio busca investigar cómo la entrada de Brasil en la Segunda Guerra Mundial impactó el campo de la Educación Física, específicamente la Revista de Educação Física (REF), durante el período de 1941 a 1947. La investigación se basa en los conceptos de la obra de Michel Foucault “Vigilar y castigar”, y utiliza la REF como su principal fuente. El análisis del periódico revela que EsEFEx, además de preparar a los soldados para el combate, actuó como agente de control y disciplina, buscando “forjar cuerpos dóciles y disciplinados”, capaces de soportar las dificultades de la guerra y contribuir a la reconstrucción del país en la pos guerra.

Palabras clave: Educación Física. Historia. Periódico. Segunda Guerra Mundial.

Submetido em: 17/09/2025

Aceito em: 12/12/2025

1 Introdução

A partir de 1808, com a chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil, o país ganha maior destaque no cenário nacional e internacional, transformando-se na sede oficial do império ultramarino, principal centro de decisões políticas e de relações econômicas. Nesse contexto, as configurações urbanísticas das cidades passaram a sofrer intervenções para comportar os fluxos comerciais, instalações administrativas e culturais relativas à coroa, entre elas, o desenvolvimento da Academia Real Militar e de instituições de ensino (Santos, 2022). Como desdobramentos posteriores da história nacional, ao tornar-se república, passam a acontecer iniciativas para o ensino de práticas corporais nas cidades, em espaços escolares e não escolares, no meio civil e no militar. Dança, natação, esgrima, ginástica e equitação são as modalidades mais praticadas durante o século XIX (Melo, 2020). Essas atividades receberam importância e foram inseridas no currículo escolar por estarem atreladas aos cuidados de saúde e higiene, serem pautadas no discurso médico e se apresentarem como forma de divertimento para a sociedade na época. Outros marcos importantes no campo do ensino das práticas corporais ao longo do século XIX foram a Reforma Couto Ferraz (1854)¹ e o Parecer de Rui Barbosa² (1882) (Melo, 2020).

Entretanto, durante o século XIX, um dos problemas enfrentados para a prática de ginástica nas escolas era o reduzido número de profissionais com formação para o ensino da modalidade. A falta de professores poderia ser justificada pelos baixos salários³ e a precariedade das instalações para a prática de exercícios físicos. Ademais, nesse período histórico, no Brasil, não existiam cursos de formação de professores; por isso a ginástica nas escolas era

1 Em 1851, por iniciativa do deputado Luiz Pedreira Couto Ferraz, surgem as primeiras tentativas para inserir os exercícios físicos nos currículos escolares. Entretanto, apenas em 1854 a proposta é promulgada no município da corte (Rio de Janeiro), incluindo a ginástica no ensino primário e a dança no secundário (Goellner, 2021).

2 Rui Barbosa sugeriu mudanças no sistema nacional de ensino, destacando a necessidade da inclusão de novos conteúdos na escola, como o desenho, o canto e a ginástica em todos os níveis da educação básica (Cavalcante *et al.* 2020).

3 Os profissionais que ministravam as aulas de ginástica eram chamados de “mestres especiais”, não professores como os das demais disciplinas, pois acreditava-se que possuíam um *status* inferior (Melo, 2020).

ensinada por militares, profissionais estrangeiros⁴ ou praticantes da modalidade (Melo, 2020).

Conforme Melo (2020), no século XIX, a maioria das vagas dos professores do Colégio Pedro II deveriam ser ocupadas através de concurso público. Entretanto, o profissional que ocuparia a vaga de ginástica seria nomeado por portaria ministerial, e o de dança, pelo reitor. A dança e a ginástica foram disciplinas que não receberam importância como as demais, pois acreditava-se que elas causavam desordem no ambiente escolar, devido ao seu caráter prático (Melo, 2020).

Até os anos 1930, o Brasil era considerado um país rural, agrário-exportador, pouco desenvolvido econômica e culturalmente, e com grande concentração da população nas áreas rurais (Gomes, 2021). Com a entrada de Getúlio Vargas na presidência do Brasil, após a Revolução de 1930⁵, ações para o crescimento do setor industrial provocam mudanças em diversos aspectos do país como melhorias do acesso ao transporte, educação e sistema de saúde (Fausto, 2006). Em virtude do crescimento industrial do país, o número de pessoas ocupando os centros urbanos cresce, pois estas buscavam moradias próximas aos locais de trabalho (Gomes, 2021). Assim, o governo passa a oferecer maior atenção à saúde dos trabalhadores, tendo em vista que eles eram a principal peça no processo de desenvolvimento industrial e econômico do país (Fausto, 2006).

Em 1931, é realizada a Reforma Francisco Campos⁶, que desenvolveu uma política modernizadora no ensino secundário e que estava atrelada ao recém-criado Ministério da Educação e Saúde Pública (MES). Entre as principais medidas adotadas, destaca-se a obrigatoriedade da realização de exercícios físicos nas aulas de Educação Física durante todo o ano letivo e para todas as turmas

4 No Parecer de Rui Barbosa, escrito em 1882, existe a recomendação para a contratação de professores estrangeiros, pois no Brasil não existiam cursos de formação e capacitação direcionados aos profissionais que iriam ministrar a disciplina ginástica (Cavalcante *et al.*, 2020).

5 Questiona-se o termo "Revolução de 1930", pois foi um processo revolucionário, ocorrido no Brasil, que não alterou o *status quo* da classe trabalhadora durante o período analisado (Prado Júnior, 2005).

6 Entre as principais novidades da Reforma, destacam-se: criação do Conselho Nacional de Educação; organização do ensino universitário; currículo seriado; e frequência obrigatória (Romanelli, 2014).

(Ferreira Neto *et al.*, 2022). Tais fatos impulsionaram a criação de cursos de formação para professores de Educação Física.

O primeiro passo para a abertura de um curso que buscava essa formação ocorreu em 1922 com a fundação do Centro Militar de Educação Física (C.M.E.F.), no bairro da Vila Militar, localizado no Estado do Rio de Janeiro. Posteriormente, em 1930, o Centro é transferido para Fortaleza de São João, situada no bairro da Urca, pois as instalações deste local eram mais adequadas para a prática de exercícios físicos. O curso oferecido pelo C.M.E.F. era ministrado visando à formação em Educação Física, tanto de militares como civis, destacando-se entre estes últimos nomes como Fernando de Azevedo e Inezil Penna Marinho (Ferreira Neto, 1999).

Devido à entrada da Educação Física nos currículos escolares e à criação de um curso de formação de profissionais dessa disciplina no Brasil, surge a necessidade da elaboração de materiais que auxiliem a prática pedagógica na escola. Dessa forma, em 1932 é criada a primeira revista de Educação Física, a Revista de Educação Física (REF). Esse periódico tinha como principal objetivo divulgar as contribuições da EsEFEx para a Educação Física brasileira, além de ser um canal de comunicação entre civis e militares (Ferreira Neto *et al.*, 2022).

Ao visitarmos a página *online* da REF, na qual estão disponíveis todas as edições publicadas desde 1932 até 2024, verificamos que tanto as matérias publicadas como a periodicidade da Revista foram influenciadas por acontecimentos históricos, políticos, sociais e econômicos. A entrada no Brasil na 2ª Guerra Mundial (GM) foi um evento que impactou a frequência com que o periódico foi veiculado, bem como o conteúdo das matérias.

Dessa forma, o objetivo central deste estudo é investigar como a 2ª GM e a mobilização nacional foram representadas nos conteúdos publicados na REF, no recorte histórico de 1941 a 1947. Especificamente, a análise visa a compreender as matérias que procuraram trazer contribuições diretas para a preparação física e o adestramento dos soldados por meio da prática de exercícios.

2 Procedimentos Metodológicos

A presente pesquisa adota como referencial teórico o conceito de disciplina, proposto na obra *Vigiar e Punir*, escrita por Michel Foucault. Segundo Foucault (2007), um corpo disciplinarizado deve ser dócil, de forma que possa ser aperfeiçoado com intuito de retirar dele o melhor proveito, a máxima performance. Para alcançar esse objetivo é necessário que se construa uma “escala do controle”, que não trata de ampliação em massa, mas em lançar um poder esquadrinhado sobre determinados corpos escolhidos para fins específicos, de modo a estabelecer correção e coerção permanentes, mantendo o comportamento desses corpos nos níveis das respostas mecânicas exigidas pela “economia política” que lhes lança o olhar; sua eficácia se produz mais sobre exercitar os processos das atividades, maximizando o controle através da codificação do tempo, do espaço e dos movimentos, por meio da manipulação e adestramento corporal, visando a determinar como os gestos, movimentos e atitude (traduzida como “moral”) responderão às demandas ambientais às quais serão colocados. Esse processo, chamado de “disciplina”, também visa a tornar o corpo cada vez mais útil, através do aumento e aprimoramento das suas habilidades e aptidões, ao mesmo tempo que produz uma sujeição ao poder.

A partir de tais concepções ofertadas por Foucault (2007), conseguimos estabelecer aproximações com o campo da Educação Física, especificamente, no período compreendido entre os anos de 1930 a 1964, recorte histórico em que preponderou a concepção de Educação Física Militarista, tendo como principal alicerce a ideia de formação de um homem obediente e adestrado, reeducado através de padrões de comportamento inspirado na concepção militar, na qual a juventude estaria mais apta a enfrentar tempos beligerantes, organizando um quadro nacional mais adequado à defesa da Pátria (Ghiraldelli, 1991). É fundamental notar que a materialização mais urgente e intensa desse projeto de disciplinarização do corpo nacional ocorre em meio à complexa

conjuntura do Estado Novo e do cenário da 2ª GM, período que circunscreve o foco desta investigação.

Nessa perspectiva, o recorte histórico temporal desta investigação é indissociável do contexto político brasileiro, marcado pela ditadura do Estado Novo (1937-1945), inserida na totalidade do Governo Vargas (1930-1945). Em uma perspectiva internacional, o desenrolar da 2ª GM impôs ao regime de Getúlio Vargas a adoção de posturas contraditórias. Inicialmente, o governo brasileiro demonstrou afinidade ideológica com os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). No entanto, apesar de sua política de neutralidade, os ataques a navios brasileiros pelo Eixo em 1942, somados à necessidade de manter o apoio econômico estratégico já estabelecido com os Aliados (em especial os Estados Unidos da América), culminaram na declaração de guerra do Brasil ao Eixo. Esse ato teve como consequência direta o envio da Força Expedicionária Brasileira (FEB) ao conflito em 1944 (Moura, 2012).

Nesse cenário de mobilização bélica, a Educação Física foi elevada a um papel estratégico pelo Governo Vargas, sendo sua doutrina materializada na figura da EsEFEx e, conseqüentemente, no periódico oficial, a REF. O objetivo desta investigação é analisar como a Educação Física foi representada nos conteúdos publicados na REF, para o que foram examinadas todas as edições editadas entre 1941 e 1947. O recorte temporal se justifica por dois marcos: 1) o período que antecede e sucede a entrada oficial do país no conflito, em 1942 (que intensificou a demanda por formação militar); e 2) o ano de 1947, quando, após um período de interrupção ou irregularidade em sua circulação, o periódico retoma sua periodicidade, marcando a transição temática para o pós-guerra com a matéria de ênfase “De Volta!”.

O mapeamento inicial das matérias publicadas no periódico aconteceu na página *online* da REF⁷, onde estão localizadas todas as edições publicadas desde 1932 até o ano de 2024. Todavia, algumas imagens possuem baixa qualidade, sendo difícil analisar o conteúdo presente nelas. Dessa forma, com intuito de melhor

⁷ Disponível em: www.revistadeeducacaofisica.com

explorarmos essa fonte iconográfica, visitamos a Biblioteca Jair Jordão Ramos, localizada na EsEFEx, no bairro da Urca, na cidade do Rio de Janeiro. Conforme o *site* da Instituição, a Biblioteca possui em seu acervo livros, periódicos, Trabalhos de Conclusão de Curso, manuais e obras de referência, além de ser um espaço que oferece um espaço para os estudos (Escola de Educação Física do Exército, 2024).

Figura 1 – Biblioteca Jair Jordão Ramos



Fonte: Site da Escola de Educação Física do Exército

Embora o foco desta investigação se debruce sobre a materialidade da REF no contexto da 2ª GM, é fundamental reconhecer que a aproximação entre a Educação Física e o âmbito militar possui uma longa história, com raízes ainda no século XIX. Destaca-se que, desde a sua sistematização, a Educação Física assumiu-se como um instrumento a serviço da preparação para a guerra, na formação do cidadão-soldado (Soares, 2012). Entretanto, é nos anos de 1940 que essa questão se transforma: a guerra deixa de ser apenas uma ameaça potencial e se torna uma realidade imediata, intensificando a doutrina militarista e conferindo à EF um papel estratégico e direto no período aqui analisado.

3 Resultados e Discussão

Após a busca no *site* da Revista de Educação Física, por meio da leitura dos títulos e, posteriormente, do conteúdo das matérias, mapeamos o total de 10 publicações que fazem referência à 2ª GM e suas interfaces com o campo da Educação Física. As matérias encontradas foram organizadas no quadro a seguir:

Quadro 1 – Matérias referentes à 2ª Guerra Mundial

Título da Matéria	Número de Publicação e Ano
A Educação Física e a Guerra Moderna	v. 11, n. 5, 1942
A Escola de Educação Física do Exército e a Guerra	v. 11, n. 5, 1942
Será a mulher útil à Guerra	v. 11, n. 4, 1942
O valor do soldado do Tio Sam	v. 11, n. 4, 1942
Os atletas e a Guerra	v. 11, n. 4, 1942
A Educação Física e a Guerra	v. 11, n. 3, 1942
A mulher em face da Guerra	v. 11, n. 3, 1942
Ginástica de aparelhos na preparação física do soldado	v. 11, n. 3, 1942
A Educação Física e a defesa nacional	v. 11, n. 2, 1942
Esporte arma de Guerra	v. 11, n. 2, 1942

Fonte: Os autores (2025)

O conflito mundial teve início no ano de 1939, todavia o presidente do Brasil, Getúlio Vargas, até o ano de 1941, adotou uma política de neutralidade perante os dois blocos políticos militares que se formaram, os quais estabeleceram alianças político-militares da seguinte forma: a) países aliados: Estados Unidos da América, Inglaterra, França, e antiga União Soviética; b) países do eixo: Itália, Alemanha e Japão (Moura, 2012).

Ao lançarmos um olhar detalhado para as publicações da REF no período posterior ao ano de 1941, encontramos matérias que dialogavam com conhecimentos do campo da Educação Física de países como Itália e Alemanha. O Brasil, embalado pela política externa de neutralidade do presidente Getúlio Vargas, beneficiou-se de investimentos econômicos e militares, principalmente dos Estados Unidos e da Alemanha. Entretanto, tal estratégia já

não poderia ser mais adotada, sendo necessário afirmar seu posicionamento diante da 2ª GM. Dessa forma, em 1942, o Brasil declara apoio aos países aliados, enviando no ano de 1944 militares da Força Expedicionária Brasileira (FEB) (Moura, 2012).

Sendo assim, coube à Escola de Educação Física do Exército a missão de preparar os militares enviados ao conflito, por meio, principalmente, da prática de exercícios físicos. No mapeamento realizado na REF, encontramos dez matérias que abordam a importância da Instituição perante a 2ª GM, tendo como principal fundamento o conceito de disciplinarização dos corpos, ideia vastamente explorada na obra *Vigiar e Punir*, de Michel Foucault.

Conforme Sampaio (1942), a 2ª GM apresentava maior extensão e profundidade em comparação à 1ª GM e “veio para mostrar a importância decisiva da educação e do preparo físico do soldado” (p. 27), sendo a força humana o aspecto decisivo para o rumo do conflito mundial, ressaltando que “a preparação física do soldado brasileiro tem merecido cuidados especiais, e não há exagero em afirmar-se que os resultados obtidos até agora têm correspondido à expectativa dos responsáveis pela instrução ministrada” (Sampaio, 1942, p. 27).

Sampaio (1942) também esclarece a função desempenhada pela EsEFEx no contexto da 2ª GM, deixando clara a importância do “adestramento” no treinamento dos soldados:

A nossa Escola de Educação Física é uma forja de atletas a serviço do Exército e do Brasil, de homens, que têm a volúpia do perigo porque sabem que desse modo estão se adestrando para cumprir com êxito as missões mais arriscadas, sobretudo, o que exigem ânimo forte, agilidade, bravura pessoal e esse desprendimento de si mesmo que caracteriza o heroísmo do soldado brasileiro. Os métodos adotados nesse modelar estabelecimento nada ficam a dever aos modernos padrões europeus e americanos, evidenciando nos seus menores detalhes a

alta compreensão e capacidade técnica dos seus dirigentes e instrutores (Sampaio, 1942, p. 27).

No período em tela, observamos a diminuição do número de publicações a respeito da Educação Física na Alemanha, em comparação aos anos de 1930, com aumento do número de matérias referentes aos exercícios físicos norte-americanos realizados pelos militares. Entretanto, cabe destacar que, apesar de tal aproximação com os Estados Unidos da América no periódico, também identificamos críticas com relação ao comportamento dos soldados estadunidenses, como foi apresentado na matéria “O valor do soldado do Tio Sam”, escrita pelo Primeiro-Tenente Humberto Ellery, a respeito da sua viagem para o país.

Cheguei dos Estados Unidos da América do Norte em abril último, e desde então, venho sendo abordado por camaradas para dizer algo sobre aquele grande país amigo, quando respondendo falo a respeito do Exército de *Tio Sam*, não raro ouço frases que põem em dúvida o valor guerreiro dos seus soldados. São elas assim formuladas:

1 - Ama o conforto; 2 - É dançarino; 3 - Tem aversão e é displicente aos assuntos guerreiros; 4 - Sua formação racial é mista; 5 - Nunca brigou; 6 - Sua educação é comercial e industrial; 7 - Só pensa em dinheiro; 8 - É esportivo; 9 - É um principiante (Ellery, 1942, p. 9).

A análise das matérias destacadas na REF revela a plena execução do que Michel Foucault, em *Vigiar e Punir*, denomina poder disciplinar e a busca incessante pela formação do corpo dócil e eficiente. Para Sampaio (1942), era essencial que o instrutor se atentasse aos detalhes da sua tropa e à forma minuciosa de orientar os exercícios, o que remete ao conceito de microfísica do poder foucaultiano. Nesse regime, o poder é exercido não apenas pela força, mas pelo controle sobre o tempo, o espaço e os gestos. O objetivo final é uma economia do poder que busca aumentar

a eficácia e a utilidade do corpo do soldado através da sujeição e da docilização.

Além disso, o valor utilitário do esporte (cujas valências físicas trabalhadas por atletas eram consideradas similares às necessárias ao Exército) é incorporado como uma tecnologia disciplinar. A emulação esportiva de situações de risco, vista como positiva, não apenas contribui para a execução de missões ditas “arriscadas” (Sampaio, 1942), mas atua como um mecanismo de individualização e normalização. Ao mensurar o desempenho em face do risco, o esporte disciplina a coragem e forja a moral do combatente, transformando o corpo em um objeto tanto de saber (medição) quanto de poder (obediência ao imperativo da bravura).

Ellery (1942) aponta para a importância da disciplinarização dos corpos dos soldados, tecendo críticas aos soldados norte-americanos, que não conseguem alcançar tal modelo de disciplina por amarem o conforto, serem desatentos com assuntos referentes à guerra e gostarem de dançar. Para Foucault (2007, p. 119):

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada.

A REF realizou comparações e aproximações entre o preparo físico dos militares estadunidenses com os brasileiros, de forma que estes estivessem aptos fisicamente a entrarem no conflito. De acordo com Ellery (1942), por meio da análise de fotografias, foi possível verificar que os militares norte-americanos utilizavam

os mesmos métodos de treinamento que os brasileiros. O plano de treinamento de ambos incluía exercícios como saltar, trepar, correr, rastejar, afirmando que um bom preparo físico seria capaz de permitir que os soldados suportassem “todas as preocupações rudes da guerra” (Ellery, 1942).

Para Konder (1942), era essencial que os soldados soubessem nadar, tendo em vista a grande bacia hidrográfica que cercava o território brasileiro. Gomes *et al.* (2024) investigaram o ensino da natação na REF durante os anos de 1932 a 1934, e constataram que a modalidade foi considerada um importante instrumento de defesa do território brasileiro durante a 1ª GM. Konder (1942) na matéria intitulada como “Esporte, Arma de Guerra” utiliza a mesma ideia, destacando também a eficiência da natação durante a 2ª GM.

País cortado por vários sistemas hidrográficos, o nosso Brasil, não pode prescindir da colaboração de seus nadadores, dos seus atletas especializados. É um dever reuni-los quanto antes no nosso acervo militar, como bem sugeriu o nosso confrade citado. [...]

Como temos visto, os batalhões de nadadores já não são mais um requinte apenas dos exércitos modernos, mas uma arma cuja eficiência ninguém mais pode contestar (Konder, 1942).

Ademais, os militares também enxergaram na ginástica de aparelhos uma possibilidade para a preparação física dos soldados que seriam enviados para os campos de batalha da 2ª GM, como podemos constatar na matéria “Ginástica de Aparelhos na preparação física dos soldados”, em que se destaca a substituição do método de ginástica francês:

A Educação Física no Exército tem sido orientada pela 3ª parte do regulamento francês que preconiza formas de trabalho de grande valor na preparação física dos nossos recrutas. Apesar da forma irregular como tem sido

ministrada a educação física nos corpos de tropa, devido à falta de uma orientação perfeita dos meios preconizados pelo método, a educação física tem dado ótimos resultados transformando os desengonçados recrutas, que na maioria são incorporados sem nunca terem feito trabalho físico regular, em soldados mobilizados, porém, sem as qualidades físicas necessárias a um verdadeiro combatente moderno (Bezerril, 1942).

Acima, Bezerril (1942) tece uma crítica que evidencia uma estrutura considerada inadequada, resultando em uma orientação imperfeita. Os recrutas, segundo ele, chegavam “desengonçados”, pois nunca haviam experimentado regularmente trabalhos físicos. Ainda assim, o autor reconhecia que o treinamento militar promovia certa melhora na “mobilidade” dos soldados; porém, não garantia que as valências físicas necessárias ao combate corporal e armado tivessem tempo suficiente para serem desenvolvidas de forma adequada, sobretudo diante das exigências de uma guerra moderna para aquele período. Dessa análise emerge a ideia de um “desperdício de tempo”.

Conforme demonstra Foucault (2007, p. 120), as disciplinas dependem de um investimento político que produz nos corpos uma “anatomia política do detalhe”. A crítica implícita de Bezerril (1942) apontava justamente para a necessidade de ampliar esse investimento, de modo que o homem brasileiro, ao chegar à condição de recruta, já apresentasse algum grau de familiaridade com determinados movimentos corporais ou mesmo estivesse previamente condicionado por meio do esporte. Tratava-se, portanto, de sugerir uma espécie de sinergia entre instituições nacionais que contribuíssem, desde cedo, para a formação física dos futuros integrantes das Forças Armadas. Nesse sentido, evidencia-se mais um ponto de convergência com Foucault (2007) ao discutir a sociedade disciplinar, especialmente quando o autor afirma que seu advento promoveu a intensificação e a multiplicação das disciplinas.

Bezerril (1942), concordando com as matérias e autores destacados anteriormente, demonstra a preocupação em formar um homem dócil e disciplinado, através de um soldado que tivesse a coragem e a audácia para os combates que enfrentariam no decorrer da 2ª GM, destacando a importância da utilização de aparelhos da ginástica (argola, barra, paralela, cavalo de pau) para desenvolver, nas tropas, habilidades como “coragem e audácia, fundamentadas na confiança em suas possibilidades físicas” (Bezerril, 1942). Sendo assim, para Bezerril (1942):

Entre os aparelhos de ginástica mais comuns, são barra, paralela, cavalo de pau e argola, aparelhos esses que, dada a sua utilização nas competições olímpicas, tiveram as lançando-se contra verdadeiros monstros de aço e atirando-se no espaço para cair nas retaguardas inimigas e decidir, às vezes, sozinho, a sorte da batalha.

Assim, o problema da educação física militar ganha uma importância transcendental fugindo do mero trabalho físico, que desenvolve os músculos e dá harmonia de formas, para tomar a característica de verdadeira instrução especializada reu- nindo tudo que possa cooperar no sentido de dar ao soldado todas as qualidades físicas e morais imprescindíveis ao combatente moderno.

Daí, considero de grande importância o emprego de todas as formas de trabalho físico que desenvolvam a força e a audácia suprema.

Essa declaração se conecta a outras partes do texto, onde o autor incrementa que os recrutas, no treinamento da ginástica, “compalideciam” ao lançar seus corpos no cavalo e no salto. A ginástica visava a desenvolver a “moral do soldado”. O conhecimento sobre a ginástica competitiva sempre esteve vinculado aos riscos de acidentes incapacitantes da funcionalidade corporal e de morte, seja pela crença em esforço físico demasiado

(Posse, 1903), ou do risco de lesões, especialmente as cervicais (Wolf; Labella, 2020). Assim, a ginástica aplicada ao treinamento militar prestava-se aos “aumentos de utilidade” (Foucault, 2007, p. 119), nos termos de docilizar o corpo ante os medos, buscando um comportamento mecânico, que variasse pouco e suprimisse a emoção, diante dos riscos ao corpo e da morte. Se recuperarmos a primeira citação longa deste texto (Sampaio, 1942, p. 27), veremos que, entre as qualidades necessárias aos atletas que serviriam às Forças Armadas do Brasil, estavam lidar com a “volúpia do perigo”, “bravura pessoal” e o “desprendimento de si mesmo que caracteriza o heroísmo do soldado brasileiro”. Para ser herói, era preciso inculcar os processos de subjetivação que levariam os treinados pela ginástica e outros esportes ao “desprendimento de si”, desenvolvendo a “moral do soldado” (Bezerril, 1942).

Nessa perspectiva, Foucault (2007), em sua análise sobre o poder disciplinar, demonstra que o objetivo das disciplinas é a produção de “corpos dóceis”, que são corpos ao mesmo tempo analisados, submetidos, utilizados e aperfeiçoados. A ginástica e outras práticas corporais, através da Educação Física, funcionavam como uma tecnologia disciplinar que operava uma microfísica do poder sobre os indivíduos. Seu objetivo não se limitava a instigar uma moral interna, mas sim a inculcar um “código prescritivo” que agia diretamente sobre o corpo para adestrá-lo, controlando o tempo, o espaço e os movimentos do soldado. O “desprendimento de si”, que culminou na “moral do soldado”, era o resultado dessa sujeição calculada: um processo de subjetivação no qual o indivíduo era moldado em um sujeito cuja docilidade e utilidade (maximizar a força e eficácia para a guerra) eram o principal foco do poder disciplinar.

Contudo, a eficiência desse projeto disciplinar era posta à prova no momento em que a guerra devolvia os corpos feridos, exigindo uma nova estratégia de controle e maximização. Segundo Ramalho (1942), a entrada do Brasil na 2ª GM já tinha gerado prejuízos ao país, sobretudo no que se refere aos militares enviados ao conflito, tendo em vista que muitos retornaram “mutilados”. Para

que os homens não se tornassem “pesos-mortos na economia nacional” (Ramalho, 1942), era necessário que passassem por um treinamento de reeducação física e motora, bem como tivessem suas funções readaptadas. Sendo assim, o treinamento físico militar que exigia a formação de um corpo dócil e disciplinado, com intuito de extrair a sua máxima eficácia, é substituído pela Ginástica Médica, que deveria estar em constante diálogo com o campo da Ortopedia:

Colocada ao lado da Ortopedia, a Ginástica Médica, ativa e passiva, vai contribuir grandemente para a solução dos recuperados de guerra, problema que afeta não só os combatentes, mas ainda vai influir na situação de após a guerra. Diz respeito à volta dos homens à luta; diz também respeito ao aproveitamento de números estropiados para a economia da nação. E a recuperação quinesioterápica dos feridos de guerra, pois, uma das exigências da situação criada. Mister se faz da adaptação do que existe a esta nova circunstância. Que entidade melhor poderia servir a essa finalidade que uma Escola de Educação Física? (Ramalho, 1942).

Entretanto, a ideia de um cidadão adestrado não desaparece, ela é reajustada ao momento histórico e político que o Brasil e o mundo atravessava, sendo necessário realizar adaptações na formação dos instrutores da EsEFEx, exigindo que todos fossem “adestrados” conforme às novas demandas:

A transformação é, relativamente, fácil; aquisição de material destinado à ginástica passiva, transformação de instrutores e monitores de educação física normal em especialistas que seguirão as prescrições dos médicos responsáveis por casos especiais, visando aqui um grupo muscular atrofiado, ali uma articulação anquilosada, etc.

Tudo isso exige pessoal adestrado às novas funções; pessoal numeroso e bem treinado. Todos os especialistas são mobilizados, notadamente os ortopedistas e ali aproveitados na sua especialidade (Ramalho, 1942).

Essa nova organização política, econômica e administrativa do Brasil também incluiu a presença das mulheres em funções que antes eram desempenhadas majoritariamente por homens. Na capa de duas edições do periódico, tal fato é ilustrado, em que caberia à mulher apoiar o homem e o país na 2ª GM:

Figura 2 – Capas da Revista de Educação Física publicadas em 1942



Fonte: Revista de Educação Física, 1942.

No período de 1939 a 1947, foram mapeadas duas matérias e duas capas que fazem referência, especificamente, à forma que as mulheres poderiam auxiliar na reconstrução do Brasil. Na matéria intitulada “A mulher em face da Guerra”, destacamos o seguinte trecho que retrata a função que as mulheres deveriam assumir naquele período:

E para isto, para que possa substituir o homem em todos os seus trabalhos de paz, nas fábricas e laboratórios ou em outros ramos de atividade, necessita de uma grande dose de resistência física e orgânica, para que se desobrigue a contento da missão que lhe toca no pagamento desse tributo.

Cuidemos da educação da mulher, enquanto é tempo; façamo-la ingressar na vida econômica e estrutural do país, mediante um trabalho racional, de educação, visando, não só o seu preparo físico objetivando a sua resistência às provações da luta, como também o seu preparo técnico de maneira a não decrescer a produção nacional (Cavalcanti, 1942).

Segundo Foucault (2007), para que o corpo pudesse ingressar nas fábricas e indústrias, era necessário que ele fosse “docilizado”, passando também por uma delimitação e um delineamento da carreira. Essa lógica disciplinar dialoga diretamente com Cavalcanti (1942), para quem a mulher (antes concebida como submissa ao homem e associada a uma figura dócil, voltada a servir à família) passava a ser convocada a preocupar-se com seu preparo físico por meio da prática regular de exercícios. Assim, o corpo feminino deveria tornar-se não apenas dócil, mas também disciplinado e resistente, de modo a adquirir a força necessária para desempenhar funções que, em tempos de paz, eram atribuídas aos homens. Essa transformação ganha ainda mais densidade quando observada a partir de uma perspectiva feminista. Hooks (2019b) lembra que a inserção das mulheres tanto no trabalho interno quanto nas atividades de retaguarda também compõe um papel ativo na guerra, contribuindo para sustentá-la. Participar da economia, portanto, é também uma forma de a mulher participar da guerra.

Essa busca por disciplina e utilidade se enquadra na perspectiva foucaultiana de que o poder opera através de uma relação exército-política que se manifesta por meio de ações

táticas e se estende a toda a sociedade. A lógica de investimento político nos corpos (buscando sua máxima eficiência para a nação) não se restringe, portanto, ao soldado. Embora Foucault (2007) analise prioritariamente os aparelhos disciplinares clássicos (escolas, prisões, hospitais), a estrutura de controle por ele descrita (sujeição e docilização) pode ser expandida para compreender processos de controle macropolítico, como os que moldam a mão de obra em contextos de colonização e escravidão. É sob essa mesma ótica de utilidade nacional que a participação das mulheres na 2ª GM deve ser analisada. O emprego de corpos femininos, seja na enfermagem ou em outras frentes de trabalho, representa uma extensão direta do poder disciplinar, que visa a extrair a força produtiva desses corpos e alinhá-los ao imperativo da defesa e da reconstrução da Pátria, um investimento cuja base é inerentemente econômica e política.

De maneira geral, no Brasil ou em outros países que foram colonizados, o trabalho da mulher até o advento das grandes guerras era majoritariamente nas atividades domésticas, remuneradas ou não (hooks, 2019a; Davis, 2016; Leone; Baltar, 2008). Isso encontra eco na afirmativa de Cavalcanti (1942), que advogava maior treinamento corporal e de escolarização feminina. No entanto, até recentemente neste país, não havia estrutura capaz de distribuir e pensar melhor inserção da mulher no trabalho (Leone; Baltar, 2008) e a configuração da demografia familiar com muitos filhos por casal também dificultava maior escolarização da mulher; com isso, a qualificação necessária para a presença no mercado de trabalho formal (Luna; Klein, 2020).

Se contextualizarmos a história brasileira, por exemplo, na perspectiva de Caio Prado Jr. (2011), poderemos perceber que algumas “falhas” no desenvolvimento econômico se relacionam como consequência das feições coloniais na nossa contemporaneidade. O autor entende que há uma continuidade cíclica na economia do Brasil que se dá “por arrancos”, que vai do progresso ao aniquilamento de estruturas de mercado, na qual uma de suas feições é “móvel no espaço e instável no tempo [...]”

desfazendo-se depois” (Prado Jr., 2011, p. 129). Trata-se de uma dimensão de característica “extrativa”, que constitui a origem da concentração de riqueza e em poucos mercados. Queremos dizer que o roubo democrático da guerra se parecia mais com uma ação “tática”, já que não produziu a redução da desigualdade de imediato. Em 1950, apenas 12% dos lares eram chefiados por mulheres (Luna; Klein, 2020); em 2010, esse número era de 38,7% e apenas em 2022 se equiparou aos homens⁸. No entanto, apesar da evolução lenta, mas constante, o salário médio das mulheres permanece menor que o dos homens, tanto no mercado formal e informal de trabalho (Luna; Klein, 2020; Leone; Baltar, 2008).

Além desses aspectos, destacamos que, apesar dos inúmeros métodos de treinamento desenvolvidos e veiculados na REF, fora do Exército Brasileiro, especificamente, em impressos civis, a função da Instituição e também da EsEFEx foi questionada, como podemos constatar na matéria “Os atletas e a guerra”, publicada em 1942:

Nós, que pugnamos pelo desenvolvimento esportivo e atlético de nossa gente, convencidos de que a cultura física em geral, garantindo o aperfeiçoamento e fortalecimento de nossa raça, é o elemento primordial da segurança da pátria, deparamos com surpresa e com inicial satisfação, no Correio da Manhã de 10 do mês passado um artigo cujo o título era “Os atletas e a guerra”.

[...]

Reconhecemos que o ilustre autor não é um técnico militar e escreve como um diletante, aliás desde as primeiras linhas, havíamos reconhecido, que se tratava de um artigo de um diletante (Cunha, 1942).

8 SIQUEIRA, B.; BRITTO, V. Censo 2022: Em 12 anos, proporção de mulheres responsáveis por domicílios avança e se equipara à de homens. Agência IBGE, 25 out. 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41663-censo-2022-em-12-anos-proporcao-de-mulheres-responsaveis-por-domicilios-avanca-e-se-equipara-a-de-homens>.

Para além das matérias publicadas na REF, referentes à 2ª GM, cabe destacar o papel desempenhado pelas fotografias no interior do periódico, que, além de ilustrar os campos de batalha, procurou dialogar com o conteúdo veiculado na revista. A seguir, destacamos algumas imagens presentes na REF:

Figura 3 – A Educação Física e a Guerra



Fonte: Revista de Educação Física, v. 11, 1942.

4 À guisa de conclusão

O objetivo central deste estudo é investigar como a 2ª GM e a mobilização nacional foram representadas nos conteúdos publicados na REF, no recorte histórico de 1941 a 1947. Especificamente, a análise visa a compreender as matérias que procuraram trazer contribuições diretas para a preparação física e o adestramento dos soldados por meio da prática de exercícios. Para compreendermos o período histórico em tela, utilizamos a obra *Vigiar e Punir*, escrita por Foucault, lançando luz sobre os conceitos de disciplina e docilidade propostos na obra. Na análise

das matérias que faziam menção ao conflito, constatamos que após a entrada do país na guerra, a EsEFEx passou a preparar não só fisicamente os militares que seriam enviados ao conflito, mas também a forjar corpos dóceis e disciplinados que pudessem suportar as intempéries dos campos de batalha.

Entretanto, os conceitos de disciplina e docilidade, vinculados no periódico, recebem outros significados, tendo em vista os prejuízos causados pela guerra. Sendo assim, a Ginástica Médica ganha espaço na instituição, com intuito de recuperar os corpos mutilados no conflito, sendo necessário que os instrutores de Educação Física da EsEFEx fossem “adestrados” durante a formação em Ginástica Médica.

Tendo em vista as inúmeras perdas na guerra, coube às mulheres ocuparem funções que antes eram exercidas majoritariamente por homens, tornando-se necessário adquirir resistência física por meio da prática de exercícios físicos. Dessa forma, o corpo da mulher deveria ser “docilizado” para estar apto a realizar novas funções, acumulando as demandas de casa como também profissionais, realidade que se aproxima com os dias atuais.

Analisando as evidências, podemos dizer que a REF se pôs a veicular uma propaganda de seus ideais para a Educação Física brasileira, utilizando-se do discurso econômico em defesa da incorporação de um estilo militarizado de uso dos corpos nas práticas corporais, visando a diminuir, em suas necessidades específicas, a “perda de tempo” das Forças Armadas com recrutas sem histórico de atividades físicas em suas biografias. Assim, outras possibilidades de aparelhos como a escola e os esportes, instituições da sociedade, estavam implicitamente sugeridas como possibilidades para “intensificar a utilização do tempo” (Foucault, 2007, p. 131) numa perspectiva disciplinar, que favorecia as Forças Armadas. Isso pode ser verificado em Ghiraldelli (1991) e, no âmbito moral, até em escolas confessionais (Valla, 1986)⁹. Em

9 “As crianças do Brasil unidas devem estudar para defender a nação, quando ela precisar”. Hino elaborado pelo diretor de uma escola em favela do Rio de Janeiro, cantado por estudantes, como dever do professor na hora da saída (VALLA, 1986, p. 185).

apoio ao funcionamento do país na guerra, a preocupação em oferecer saídas para a economia nacional também capitalizava a “economia” do aumento da influência do poder militar nas práticas corporais do cidadão brasileiro, o que, apesar de alguns sucessos, não aconteceu de todo (Ghiraldelli, 1991).

A propaganda na REF em defesa da Educação Física como aparelho auxiliar das Forças Armadas, em especial do Exército em sua Escola de Formação, era mais fidedigna à ideia de haver um “sonho militar para a sociedade”, presente em Foucault (2007), do que ter se realizado completamente. Ela colidia com outros projetos de sociedade, arraigados nos fundamentos coloniais de ciclos de sucesso fugaz e desestímulo posterior que retratam a instabilidade econômica, e, em outros campos, como a política em nosso país (Prado Jr., 2011).

Referências

BEZERRIL, A. Ginástica de Aparelhos na Preparação Física do Soldado. **Revista de Educação Física**, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 5, 2020. Disponível em: . Acesso em: 5 dez. 2024.

CAVALCANTE, F.; BUNGENSTAB, G.; LAZZAROTTI FILHO, A. Rui Barbosa e a Educação Física nos Pareceres para o ensino primário de 1883: influências e proposições. **Revista Movimento**, Rio Grande do Sul, v. 6, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/104923>. Acesso em: 7 fev. 2025.

CAVALCANTI, Z. A. Mulher em Face da Guerra. **Revista de Educação Física**, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 2, 2020. Disponível em: <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/1672>. Acesso em: 5 dez. 2024.

CAVALCANTI, Z. L. Será a Mulher Útil na Guerra. **Revista de Educação Física**, [S. l.], v. 11, n. 4, p. 4, 2020. Disponível em: <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/1678>. Acesso em: 5 dez. 2024.

CUNHA, D. da. Os Atletas e a Guerra. **Revista de Educação Física**, [S. l.], v. 11, n. 4, p. 3, 2020. Disponível em: <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/1684>. Acesso em: 6 dez. 2025.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

ELLERY, H. O Valor do Soldado de Tio Sam. **Revista de Educação Física**, [S. l.], v. 11, n. 4, p. 2, 2020. Disponível em: <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/1683>. Acesso em: 5 dez. 2024.

FAUSTO, B. **Getúlio Vargas: o poder do sorriso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FERREIRA, J. O governo de João Goulart e o golpe civil-militar de 1964. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. **O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática - da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 345-404.

FERREIRA NETO, A.; CASSANI, J.; SANTOS, W. Perfis editoriais e a construção de significados em impressos da Educação Física (1932-1960). In: Ferreira Neto, A. Cassani, J. M.; Santos, W. (Orgs.). **A Educação Física na Imprensa de Ensino e Técnica (1932-1960)**. Curitiba: Appris, 2022. p. 49-73.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

FOUCAULT, M. Práticas de si. In: FASSIN, D.; LÉZÉ, S. **A questão moral: uma antologia crítica**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2018.

GHIRALDELLI JUNIOR, P. **Educação Física Progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física brasileira**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1991.

GOELLNER, S. **O método francês**: da caserna à escola. Porto Alegre: GRECO, 2021.

GOMES, A. **Olhando para dentro (1930-1964)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. p. 23-39.

HOOKS, B. **E eu não sou uma mulher?** Mulheres negras e feminismo. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019a.

HOOKS, B. **Teoria feminista**: da margem ao centro. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019b.

KONDER, A. Esporte, Arma de Guerra. **Revista de Educação Física**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 1, 1942. Disponível em: <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/1650>. Acesso em: 5 dez. 2024.

LEONE, E.; BALTAR, P. A mulher na recuperação recente do mercado de trabalho brasileiro. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 25, n. 2, jul./dez. 2008, p. 233-249. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/hrzKkFrSv4wVZCGxGHHS9xG/?lang=pt>. Acesso em: 6 fev. 2025.

LUNA, F.; KLEIN, H. **História social do Brasil moderno**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2020.

MARSHALL, G. C.; KNOX, F. A Educação Física e a Defesa Nacional. **Revista de Educação Física**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 1, 1942. Disponível em: <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/1659>. Acesso em: 5 dez. 2024.

MELO, V. **A Educação do Corpo nas Escolas do Rio de Janeiro do Século XIX**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2020.

MOURA, G. **Relações exteriores do Brasil, 1939-1950**: mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

POSSE, B. The value of competitive gymnastics. **American Physical Education Review**, v. 8, n. 3, 1903, p. 181-192.

Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/23267224.1903.10649921>. Acesso em: 15 mar. 2025.

PRADO JR., C. **Formação do Brasil contemporâneo**: colônia. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RAMALHO, S. A Escola de Educação Física do Exército e a Guerra. **Revista de Educação Física**, [S. l.], v. 11, n. 5, p. 1, 2020. Disponível em: <https://revistadeeducacaoofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/1718>. Acesso em: 5 dez. 2024.

REIS DE SANT'ANNA, E. De Volta! **Revista de Educação Física**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 1, 1947. Disponível em: <https://revistadeeducacaoofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/1732>. Acesso em: 5 dez. 2024.

SAMPAIO, M. A Educação Física e a Guerra Moderna. **Revista de Educação Física**, [S. l.], v. 11, n. 5, p. 1, 2020. Disponível em: <https://revistadeeducacaoofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/1719>. Acesso em: 5 dez. 2024.

SANTOS, Y. **Racismo brasileiro**: uma história da formação do país. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2022.

SOARES, C. L. **Educação Física**: Raízes Europeias e Brasil. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

VALLA, V. (Org.). **Educação e favela**: políticas para as favelas do Rio de Janeiro, 1940-1985. Petrópolis: Vozes, 1986.

WOLF, S.; LABELLA, C. Epidemiology of Gymnastics injuries. *In*: SWEENEY, E. (Org.). **Gymnastics medicine**: evaluation, management and rehabilitation. Cham, Suíça: Springer Nature, 2020. p. 15-25.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.